

*Como nasce um museu:  
Lygia Fagundes Telles e os bastidores do desconhecido  
Museu da Literatura Brasileira*

Elizama Almeida<sup>1</sup>

*O arquivo é um lugar social*

O PONTO DE PARTIDA DESTA ARTIGO É UM MAGRO CARTÃO DATADO DE 12 DE SETEMBRO DE 1975, escrito por Lygia Fagundes Telles para Erico Verissimo, que está no acervo do autor gaúcho, no Instituto Moreira Salles. À caneta em tinta verde, lemos:

Erico, meu querido: Ainda no belíssimo cartão que você me deu aqui estou para cobrar-lhe o material para o nosso Museu da Literatura Brasileira: fotos (antigos, modernos, você com Mafalda, com os filhos, com os amigos), textos, manuscritos, caricaturas, cartas que escritores famosos lhe escreveram – enfim todas as marcas da sua passagem quente. Seremos de agora em diante verdadeiramente imortais. É verdade que ninguém quer saber de museu, mas José Geraldo Nogueira e eu bolaremos uma ala erótica, só para iniciados. Vai ser estimulante. (...) Ah! Por favor, estenda o pedido ao Mário Quintana, sim? O M. Rosenblatt também deve ter bom material.

Diante de um documento, nem sempre é o pesquisador quem faz perguntas ao item; pelo contrário, entre o item e o pesquisador se ergue um terceiro personagem, uma espécie de esfinge. Decifra-me ou te devoro: a que Museu da Literatura Brasileira Lygia se refere? Seria o Arquivo-Museu, da Fundação Casa de Rui Barbosa, inaugurado alguns anos antes, em 1972? O que pretende essa comunidade formada por três autores sulistas: Erico Verissimo, Mário Quintana e Maurício Rosenblatt? Qual a relação entre José Geraldo Nogueira e Lygia? Qual é o objetivo deste Museu chamado “nosso”? No presente artigo, vamos nos deter especialmente sobre a construção deste desconhecido Museu da Literatura Brasileira (MLB) a partir da comunidade e do coletivo formados em seu entorno.

Em 1977, a escritora entregaria, ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), cerca de 230 documentos que seriam parte do Museu da Literatura Brasileira que ela estava idealizando há dois anos. Como a história nos adianta, o Museu não nasceu por motivos biográficos distintos. Neste mesmo ano, morreu o marido de Lygia Fagundes, o crítico e fundador da Cinemateca Brasileira, Paulo Emílio Sales Gomes, e a autora passou a ocupar seu lugar na presidência daquele espaço. Já José Geraldo Nogueira, escritor que estava auxiliando-a no projeto, seria eleito para Academia Paulista de Letras no ano seguinte. Depois de um esforço inicial, o museu foi abortado e os documentos, inéditos ou desconhecidos, permaneceram engavetados nos últimos 40 anos.

Antes de avançar, vale retornar ao cartão de Lygia a Verissimo para destacar os termos “marcas”, “passagem quente”, “ala erótica”, “só para iniciados”, “estimulante”; todos, de certo modo, ligados à dança do desejo. Uso a palavra desejo com intenção de convocar aquilo que é a própria essência do desejo: a satisfação suspensa, o gozo

---

<sup>1</sup> Elizama Almeida é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (Puc-Rio), doutoranda no Programa Materialidades da Literatura, da Faculdade de Letras (Universidade de Coimbra) e membro do grupo de estudos *lacuna*. É assistente cultural no Instituto Moreira. E-mail: [ruafrutapao@gmail.com](mailto:ruafrutapao@gmail.com)

adiado. O Museu da Literatura Brasileira é um desejo e sua não-realização potencializa-o, fazendo dele um movimento contínuo; e o desejo, portanto, está justamente no laço desse movimento que não termina.

Marilena Chauí, ao ler Leão Hebreu, dirá que a arte de fazer vínculos “opera por intermédio dos laços secretos dos desejos das coisas” (2011, p. 14). Aproximando essa afirmação do nosso contexto, pode-se dizer que o desejo é essa capacidade de criar vínculos em uma comunidade.

Parece necessário lembrar que essa noção coletiva anda de mãos dadas com a noção política; e a biografia de Lygia Fagundes Telles ampara essa afirmação. Aos 19 anos de idade, junto com outras 5 mulheres, destoava do grupo de mais de cem homens formados naquele 1941 na tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Em 2016, foi a primeira mulher brasileira a ser indicada para o Prêmio Nobel de Literatura.

Mas sua prática política não é apenas *peçoal* e escorre para a “comunidade”. Sobre esse aspecto, há um quase desconhecido episódio: no mesmo período em que dava início ao Museu da Literatura Brasileira, durante a ditadura militar de Ernesto Geisel, Lygia liderou uma comitiva que foi a Brasília entregar ao ministro da Justiça, Armando Falcão, o “Manifesto dos Mil”, que ganhou esse nome por reunir assinaturas de mil intelectuais contra o regime e a censura sofrida. Dentre os abaixo assinados estavam Carlos Drummond de Andrade, Otto Maria Carpeaux e Jorge Amado.<sup>2</sup> O “documento era a maior manifestação pública da classe artística desde a Passeata dos Cem Mil, em 1968”, segundo a jornalista Mariana Filgueiras. Fica evidente a orquestra coletiva num gesto de resistência ao período do qual agora revemos a sombra novamente pairar. Sobre este acontecimento, Lygia comenta em uma entrevista em 3 de abril de 1994 ao jornal *Folha de S.Paulo*<sup>3</sup>:

A censura vinha exorbitando em relação ao teatro, ao cinema, às artes plásticas, livros e jornais. Nós fomos nos sentindo frágeis. É bonito isso, o sentimento do homem fragilizado politicamente, a sua vontade de se reunir, de formar seus círculos. Em 1976, jovens escritores em Belo Horizonte, em mesas de bar, já estavam se levantando, tentando também armar não se sabe bem o quê, não se sabe se um manifesto ou um memorial. As ações estavam coincidindo, embora não houvesse ainda entre nós contato mais profundo. O movimento de Belo Horizonte acabou liderando grupos esparsos de São Paulo e do Rio, que tinha à frente Rubem Fonseca e José Louzeiro. Eu me sentia dentro de uma nova inconfidência, de origem mineira e âmbito nacional. (grifos meus)

Nessa declaração, vale atentar para a presença da palavra *vontade* que se liga imediatamente ao campo do desejo também presente no curto cartão que enviou a Verissimo. A arte, para Susan Sontag no ensaio “Sobre o estilo”, é “a objetificação da vontade numa coisa ou atuação, e o despertar ou a estimulação da vontade” (2020, p. 50). O que não foi esse ato articulatório, em 1975, entre autores de estados, idades, gêneros diferentes senão materializar um desejo de liberdade, um desejo que pulsava contra o sistema em ação? Não esquecendo que, se a estetização da política é empreendida pelo fascismo, cabe ao comunismo a politização da arte (BENJAMIN, 2012, p. 34).

<sup>2</sup> “A grande fogueira”. Revista Piauí, 9 de novembro de 2017. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/a-grande-fogueira/>>. Acesso em 10 de julho de 2020.

<sup>3</sup> “Manifesto dos Intelectuais” pediu o fim da censura em janeiro de 77. Folha de S. Paulo, 1994. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/4/03/brasil/27.html#:~:text=Lygia%20%2D%20A%20censura%20vinha%20exorbitando,reunir%2C%20de%20formar%20seus%20c%C3%ADrculos.>>. Acesso em 15 de julho de 2020.

*O relevo se organiza*

Em uma consulta mais detida à coleção do MLB, no IEB, o relevo dos quase trezentos itens (a partir do acesso à digitalização do seu conteúdo) pode ser organizado em duas categorias: *categoria do documento* e *categoria do movimento*. A primeira diz respeito aos itens encaminhados pelos autores à Lygia Fagundes Telles e que fariam parte do fundo da instituição a serem disponibilizados ao pesquisador no futuro. Já a segunda categoria, a do movimento, dá notícias da articulação entre ela e alguns agente. Essa categoria é o flagra de sua criação, é a resposta à pergunta: como nasce um museu.

Na *categoria do documento*, destaco 3 itens de autoria de Erico Verissimo: um desenho, uma fotografia e um datiloscrito de conto com emendas. Documentos preciosos, sobretudo, porque é em 1977, quando Lygia doa ao IEB a coleção do Museu, que falece o autor gaúcho. A presença desses objetos no Museu que não nasceu nos faz perguntar: teria sido esse o aceno positivo de Erico ao projeto de Lygia? Sua resposta teria vindo de próprio punho – em gesto, em ato de doação – ao cartão-convite que ela lhe encaminhara há dois anos?



Fig. 1: Erico Verissimo ao centro em lançamento do livro *Saga* em 1940.  
Foto de autor não identificado. Coleção Museu da Literatura Brasileira/IEB

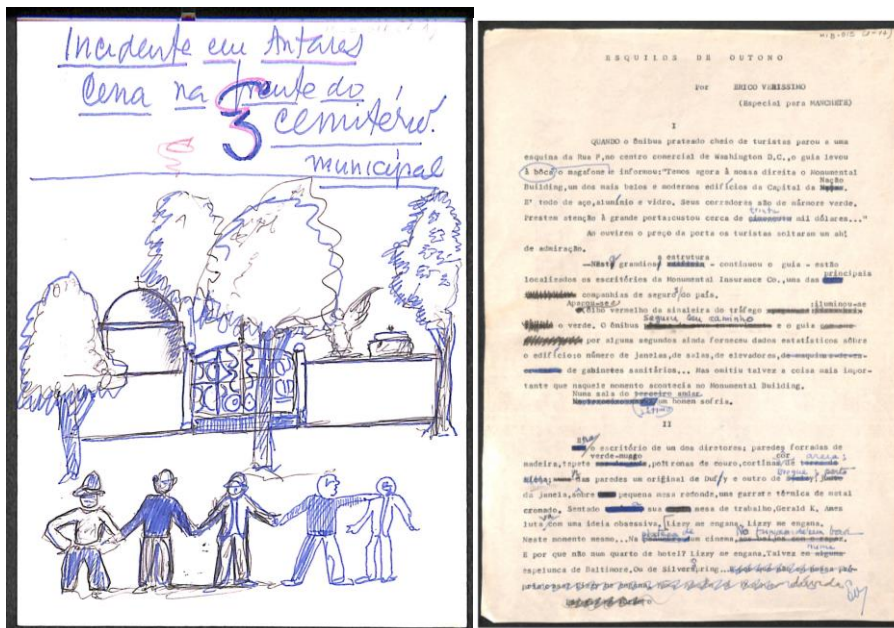


Fig. 2: Ilustração de Erico Verissimo para *Incidente em Antares*, último romance do autor publicado em 1971. Coleção Museu da Literatura Brasileira/IEB

Fig. 3: Datiloscrito com marcas manuscritas a caneta do conto “Esquilos de outono”. Coleção Museu da Literatura Brasileira/IEB

Na *categoria dos documentos*, há ainda fotografias inéditas de Paulo Emílio Sales Gomes, Pedro Nava, Osman Lins, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Rónai e Clarice Lispector, entre outros. Constam também cartas e cartões-postais de Cyro dos Anjos, Jorge Amado, Hilda Hilst, Nélide Piñon e Antonio Secchin; discurso de Cecília Meireles, poemas de Menotti del Picchia e Paulo Mendes Campos. Não podem deixar de ser citados os documentos de autoria de Coelho Neto, Belmonte, Washington Luís e Júlio de Mesquita, além de diversos autores. Delineia-se, assim, certo *retrato* da literatura brasileira nos meados do século XX e a palavra retrato exige atenção porque implica também uma delimitação da cena.

Na *categoria do movimento* estão itens da ordem dos bastidores e dão notícias da articulação entre Lygia Fagundes Telles e parceiros – sua comunidade – para formar o Museu. No relevo dessa documentação, é possível identificar 4 principais informantes ou apoiadores ao Museu: José Geraldo Nogueira Moutinho em São Paulo; Almeida Fischer em Brasília; e no Rio de Janeiro, Olga Savary, escritora que faleceu aos 86 anos, em maio, vítima da COVID-19, e Plínio Doyle.

Um dos itens que compõe a *categoria movimento* é esta carta assinada por Almeida Fischer datada de 29 de setembro de 1975. Nela, o jornalista diz que “para não retardar o envio de alguma coisa para o Museu de Literatura, que você e o Moutinho organizam, remeto-lhe os manuscritos do discurso (...)” – e, a partir daí, elenca o que lhe envia: discurso, artigo e fotografias.



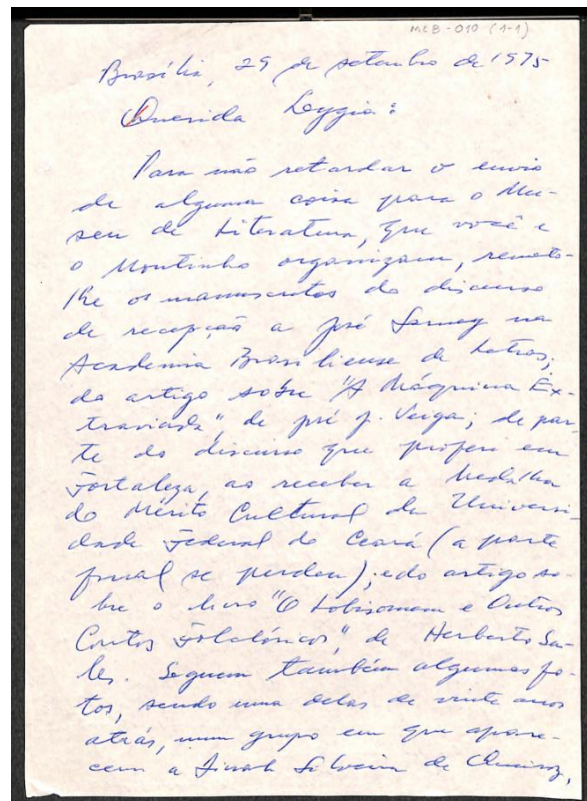


Fig. 4: Carta de Almeida Fischer para Lygia Fagundes Telles de 25 de setembro de 1975.

Coleção Museu da Literatura Brasileira/IEB

No recorte temporal em que o museu teria sido fundado, na década de 1970, cabe dedicar atenção à biografia desses quatro nomes para compreender seus potenciais articulatórios ao lado da figura de Lygia Fagundes Telles. José Geraldo está vinculado fortemente a instituições de memória. Embora não tenha se formado, frequentou a faculdade de Direito do Largo de São Francisco, a mesma de Lygia, e integrou a diretoria do Museu de Arte Sacra. Foi secretário-geral do Conselho Estadual de Cultura e secretário-executivo do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) do Estado de São Paulo. Outro paulista, Almeida Fischer, será a ponte de Lygia em Brasília, para onde ele se muda antes de sua inauguração e logo ocupa o lugar de superintendente na Fundação Cultural do Distrito Federal, criada em 1961. Junto com Cyro dos Anjos, Pompeu de Sousa e Alphonsus de Guimaraens Filho, entre outros, fundou a Associação Nacional de Escritores, que presidiu entre 1969 e 1979. Olga Savary, também poeta, tinha atuação, sobretudo, na tradução de autores hispano-americanos, como Jorge Luis Borges, Octávio Paz e Pablo Neruda. Membro PEN Club, foi presidente do Sindicato de Escritores do Estado do Rio de Janeiro em 1997-1998. Ganhou o Prêmio Jabuti de Autor Revelação pelo seu livro *Espelho provisório* (1971) e o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) pelos poemas reunidos em *Sumidouro* (1977). Casada com Jaguar, que trabalhava no famoso periódico *O Pasquim*, Olga tinha acesso a uma rede considerável de autores.

### *Oficiais do mesmo ofício?*

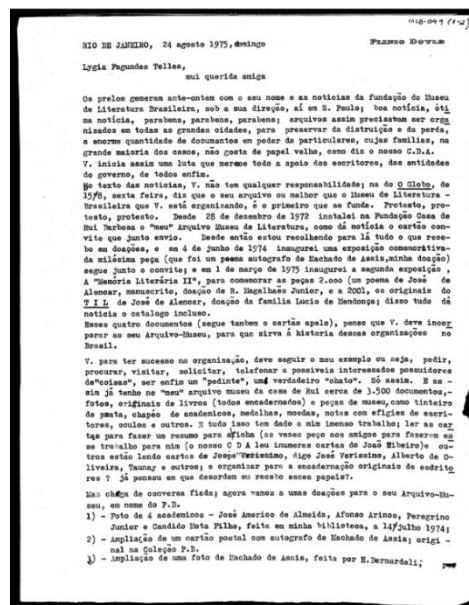
Dessa comunidade que está nos bastidores da criação do MLB, falta tratar de Plínio Doyle. E sobre ele precisamos olhar com mais vagar já que sua biografia se relaciona à fundação de outro museu literário que quase esbarra com o de Lygia. E assim como Caim e Abel, Esaú e Jacó, sai fásca da relação entre esses museus irmãos.

Fazia pouco tempo, em 1972, que o advogado e bibliófilo Doyle havia levado a cabo a criação do Arquivo-Museu da Literatura Brasileira (AMLB) na Fundação Casa de Rui Barbosa, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. O Arquivo-Museu nasceu a partir de uma articulação entre a esfera institucional-política, com o apoio do Conselho Federal de Cultura,<sup>4</sup> sobretudo de Josué Montello, e o âmbito público na figura de Carlos Drummond de Andrade que endossava o coro no *Jornal do Brasil*, para o qual escrevia desde 1969. Ali publicou a crônica “Museu: Fantasia?”, jogando a ideia ao público em 11 de julho de 1972, que causou grande comoção. É fundamental notar que os periódicos eram instrumentos políticos que tinham como estratégia o convencimento popular e favoreciam a agitação das opiniões.

Um passo atrás na história da fundação do Arquivo-Museu para lembrar que as terras culturais cariocas já vinham sendo abaladas justamente a partir dos badalados Sabadoyles. De acordo com a *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, de Afrânio Coutinho e Galante de Sousa, o Sabadoyle era

uma reunião de intelectuais, de apreciadores desse objeto chamado livro, que  
 todo sábado se dirigem a uma certa casa da rua Barão de Jaguaripe, em Ipanema,  
 com o fim único de uma boa conversa, de um bate-papo informal, entre velhos e novos amigos.  
 (2001, p. 9)

Cabe registrar, a partir da leitura do verbete “Arquivo” do *Indicionário do contemporâneo* (2018), que o arquivo não se define tanto por aquilo que guarda, mas pela relação – vínculo – que um sujeito mantém com esses objetos, imagens, palavras. Em outras palavras, o arquivo deixa de ser visto como um espaço de exploração como *fonte* para ganhar nova vida como *ponte*. Voltaremos a este ponto mais a frente, mas por enquanto é importante perguntar: que pontes podemos erguer a partir desses encontros? Qual é o grau de personalização vazado na formação e gestão das instituições culturais? Como as personalidades, trajetos e desejos dessas pessoas contaminam os espaços de poder, os espaços da memória? Para responder essas questões, trago da *categoria do movimento* da coleção Museu da Literatura Brasileira uma carta de Plínio Doyle à Lygia Fagundes Telles datada de 24 de agosto de 1975.



<sup>4</sup> Conferir o Boletim do Conselho Federal da Cultura, ano 1972, p. 23, disponível na Hemeroteca Digital. Acesso em 20 de julho de 2020: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=233501&pesq=%22conselho%20federal%20da%20cultura%22&pasta=ano%20197&pagfis=1522>>.

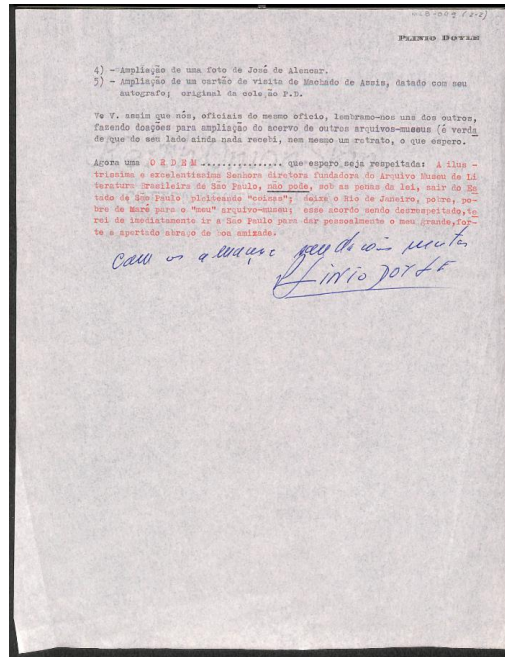


Fig. 5: Carta datiloscrita de Plínio Doyle para Lygia Fagundes Telles de 24 de agosto de 1975. Coleção Museu da Literatura Brasileira/IEB

No primeiro parágrafo, Doyle parabeniza a autora pela repercussão das notícias da fundação do Museu de Literatura Brasileira, “sob a sua direção, *ai* em S. Paulo” (grifo meu), mas o bibliófilo também se ressentido de uma matéria publicada em *O Globo*, de 15 de agosto de 1975, em que a notícia diz que o MLB seria o primeiro museu literário fundado: “Protesto, protesto, protesto”. A partir daí, o bibliófilo faz uma biografia do Arquivo-Museu de Literatura que ele chama de “meu”. Doyle segue listando a data de inauguração, a quantidade de itens recebidos, as exposições já acontecidas e envia o convite-cartão anexo, como uma espécie de prova. Feito o protesto, ele passa, no segundo parágrafo, a ensinar sobre o *métier*. Diz que

você, para ter sucesso na organização, deve seguir o meu exemplo, ou seja,  
pedir, procurar, visitar, solicitar, telefonar a possíveis interessados possuidores de ‘coisas’,  
ser enfim um ‘pedinte’, um verdadeiro ‘chato’. E assim já tenho no ‘meu’ arquivo museu da casa de  
Rui cerca de 3.500 documentos.

Doyle deixa registrado ainda o envio de 5 itens para o “museu de Lygia”. E continua dizendo que os “oficiais do mesmo ofício” lembram-se uns dos outros e que a autora, por sua vez, nada havia enviado até então. No último parágrafo, Plínio dá ênfase ao seu pedido por meio do uso da caixa alta, de adjetivos superlativos e da opção pela cor vermelha na máquina de escrever, deixando, no final, uma “ORDEM.....” que ele espera que seja respeitada:

A ilustríssima e excelentíssima Senhora diretora fundadora do Arquivo Museu  
de Literatura Brasileira de São Paulo, não pode, sob as penas da lei, sair do  
Estado de São Paulo pleiteando “coisas”; deixe o Rio de Janeiro, pobre, pobre de Maré  
para o “meu” arquivo-museu.

Os traços lexicais flagrados nesses trechos evidenciam certa disputa, concorrência, entre as instituições. Fica marcado com linha grossa que, embora ocupassem espaço similar – o da memória literária –, pertenciam a

lugares diferentes, do ponto de vista de Doyle. Afinal, como falar sobre uma “Literatura Brasileira de São Paulo”, como ele diz? Notemos ainda o uso dos pronomes possessivos e pessoais – você, eu, meu, seu – num jogo claro de inclusão e exclusão.

Embora tivesse natureza semelhante, os objetivos dos irmãos-museus não eram, de fato, os mesmos. Para o bibliófilo, preocupado com a “garantia e permanência da memória literária nacional”, espaços assim seriam para “preservar da destruição e da perda”. Para ler ao lado dessa citação, recuperei um recorte de jornal não identificado em que temos notícia de que a meta de Lygia enquanto gestora do Museu da Literatura Brasileira era “transformá-lo em um centro de estudos e pesquisa, grande o bastante para ser realmente representativo da nossa literatura (...)”. Ali, ela declara que “isso tudo prestará um dia um serviço inestimável à pesquisa e à reflexão crítica”. Assim, nasce uma bifurcação que distingue, de saída, o MLB do AMLB, e também do IEB, ambos setores de preservação de documentos que já integravam instituições existentes, como a FCRB e USP, respectivamente; enquanto o MLB parece se estabelecer como um órgão autônomo.



Fig. 6: Recorte de jornal não identificado sem data.

Coleção Museu da Literatura Brasileira/IEB

O Museu da Literatura Brasileira assume, diante de seus pares, um caráter híbrido: seu objetivo não seria apenas o de fazer a guarda para preservação e permanência, mas haveria um forte destaque na pesquisa. Intuitivamente, esse desejo vai ao encontro de uma recente virada epistemológica sobre estudos de museus naqueles anos. Em 1972, aconteceu em Santiago, no Chile, um encontro promovido pelo Internacional Council of Museum (ICOM), que, sob a presidência do museólogo francês Hugues de Varine-Bohan, jogou luz sobre o caráter social de museus na América Latina. No ano anterior, em 1971, havia sido criado o conceito de “ecomuseu” baseado em três colunas: patrimônio em vez de coleção; comunidade em vez de público; território em vez de edifício. E vale especialmente sublinhar a articulação, no ecomuseu, entre os membros de uma comunidade como agentes na formulação e construção de seus espaços de memória.

De acordo com Maria Helena Pires Martins, no *Dicionário crítico de política cultural*, lembrando Hughes de Varine afirma que

a nova museologia deve partir do público, ou seja, de dois tipos de usuários: a sociedade e o indivíduo. Em lugar de estar a serviço dos objetos, o museu deveria estar a serviço dos homens. Em vez do museu “de alguma coisa”, o museu “para alguma coisa”: para educação, identificação, confrontação, conscientização, enfim, museu para uma comunidade, função dessa mesma comunidade.



Como amparo teórico, relembremos, ainda, Jorge Luis Borges, no conhecido conto “Funes, o memorioso” (1944). O narrador fala de um personagem condenado, depois de um acidente, a lembrar de tudo que via. Recordava não só “cada folha de cada árvore de cada serra, como cada uma das vezes que tinha lembrado ou imaginado” esta mesma folha (tradução minha). Mas apesar da sua capacidade torturante de memória, Funes “não era muito capaz de pensar”. A partir de Funes pode-se, então, construir duas linhas: a da memória e a do pensamento. Funes se lembrava, mas *pensar* exige mais que repetir seriadamente uma informação; pensar requer certa abstração, conexão, leveza para fazer chacoalhar a memória.

Aproximando Borges e Varin de Lygia, ao idealizar um Museu que não apenas servirá como domicílio para documentos ou como um depósito de coisas antigas, ela propõe também mais que um lugar de memória. O MLB seria, então, um espaço *para* produção de pensamentos, cuja ponta é franquear a documentação à pesquisa, ao acesso.

### *Arquivo como ponte*

Se o AMLB se diferencia do MLB, com quem compartilharia afinidades à primeira vista, talvez valha arriscar uma inesperada aproximação entre dois outros centros de memória que, a princípio, não teriam uma ligação óbvia: a Cinemateca Brasileira e o Museu da Literatura Brasileira. Ora, se até aqui o desejo apareceu como a capacidade de criar vínculos, não seria equivocado fazer uma ponte de caráter pessoal entre Lygia Fagundes com Paulo Emílio Sales Gomes, seu segundo marido, fundador daquela instituição responsável pela preservação e difusão da produção audiovisual brasileira. De algum modo, os desejos são tão semelhantes que, com a morte de Paulo Emílio, em setembro de 1977, a autora abortou o projeto do Museu da Literatura para assumir a presidência da Cinemateca, onde ficaria até meados de 1980.

Criada por Paulo Emílio, está firmemente relacionada ao surgimento da Cinémathèque Française, em 1936. O autor, depois de ser preso no Brasil por um ano, chegou a Paris justo no período de eclosão de espaços de guarda voltados para filmografia. No ano anterior, em 1935, surgia lá o Cineclube *Cercle du Cinéma*, do qual Paulo seria frequentador assíduo e que o inspiraria, no retorno ao Brasil, a abrir aqui, em 1940, o Primeiro Clube do Cinema, junto com Décio de Almeida Prado e Antonio Candido. O espaço em terras brasileiras se propunha a estudar o cinema como arte independente por meio de projeções, conferências, debates e publicações, mas logo seria fechado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

É com essa mesma comunidade – Décio e Antonio Candido – que Paulo Emílio se articulava para fundar a *Revista Clima*, cujos 16 números circularam entre 1941 e 1944 e formaram uma geração de críticos brasileiros, tratando de literatura, cinema e teatro. A eles juntaram-se Alfredo Mesquita, Lourival Gomes Machado, Gilda de Mello e Souza, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros colaboradores que figuram dentro de certo cânone literário brasileiro. A jovem Lygia, ainda em início de carreira à época, publicou o conto “O suicídio de Leocádia” no número 4 da revista.<sup>5</sup>

Diferente do perfil de colecionador instalado em sua sala com uma portentosa biblioteca, como era Plínio Doyle, Paulo Emílio esteve envolvido em instituições de arquivos de filmes, e, em 1954, assumiu como conservador-chefe a Fimoteca do Museu de Arte Moderna de São Paulo, além de pintar episódios de sua vida com inquestionável posicionamento político. É relevante considerar essa trajetória porque confere ao casal uma

<sup>5</sup> “Formação de uma geração de críticos: Revista Clima (1941-1944)”, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2019. Disponível em <<https://blog.bbm.usp.br/2019/formacao-de-uma-geracao-de-criticos-revista-clima-1941-44/>>. Acesso em 11 de julho de 2020.

temática em comum que passa pela institucionalização de espaços de memória e pela articulação de suas respectivas comunidades em função desses mesmos lugares.

Ainda na esteira biográfica, Lygia Fagundes Telles frequentava a fazenda Santo Antônio, da família Silva Telles, ligada a seu primeiro marido, Goffredo da Silva Telles, em Araras. A fazenda teria entrado para a história do movimento modernista por conta das reuniões que aconteciam com a presença de Mário e Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Heitor Villa-Lobos, como consta na cronologia dos *Cadernos de literatura brasileira*, volume 5, dedicados à autora. Também são conhecidas as rodas literárias em que Lygia conheceria Oswald e Mário de Andrade.

Essa tentativa de tornar visíveis os laços que envolvem importantes participantes dos circuitos culturais na segunda metade do século XX faz parte de uma metodologia que busca estabelecer pontes a partir do arquivo. E, nesse instante, o arquivo reforça seu caráter não mais como uma fonte documental, de onde corre um rio-acontecimento que começa em A, passa em B, desaguando em C. Mas arquivo como essa ponte, em que é possível ligar A e B, B que volta a A, por cima do rio-acontecimento.

Trago, enfim, mais um dos documentos que pertencem ao que chamo de *categoria do movimento* da coleção Museu da Literatura Brasileira: uma lista com nomes e endereços na letra de Lygia à tinta da caneta verde. A mesma que vimos no início deste artigo quando ela escreve a Verissimo. A tinta se repete aqui e este é o tipo de ligação que começamos a estabelecer: ponte entre pessoas distintas, tempos distintos, documentos e instituições distintas (já que o cartão está no Instituto Moreira Salles e a lista, no Instituto de Estudos Brasileiros).

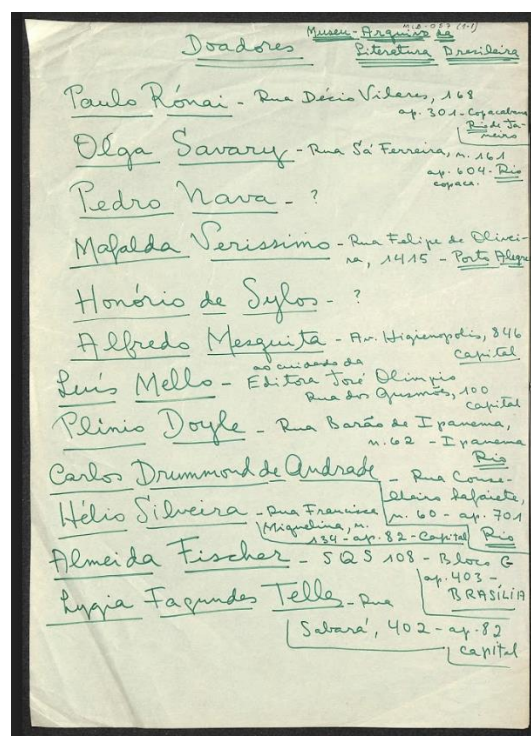


Fig. 7 Lista manuscrita com doadores por Lygia Fagundes Telles.

Coleção Museu da Literatura Brasileira/IEB

Aí estão apenas alguns dos 69 autores que possuem algum material na coleção do MLB. Listo aqui os nomes daqueles cuja presença está expressa em carta, fotografia, bilhete e outros itens ainda a serem descobertos: Affonso Celso, Afonso d'Escagnolle Taunay, Afrânio Peixoto, Alfredo Guedes, Almeida Fischer, Amadeu Amaral, Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Antônio Carlos Secchin, Antonio Celso, Bella e Georges Jozef, Belmonte, Bené Fonteles, Capistrano de Abreu, Carlos Nejar, Cassiano Ricardo, Cecília

Meirelles, Cleómenes Campos, Coelho Neto, Cyro dos Anjos, Júlio de Mesquita, Erico Verissimo, Escragnolle Doria, Ferreira Gullar, Galeão Coutinho, Gustavo Barroso, Henriqueta Lisboa, Hilda Hilst, Joaquim Branco, Jorge Amado, Jorge de Lima, Juju Campbell Penna, Júlio Dantas, Lausimar Laus, Lázaro Barreto, Leo Gilson, Lourenço Filho, Lúcia Aizin, Luiz Carlos de Macedo Soares, Margarida Lopes de Almeida, Maria Augusta Machado da Silva, Maria Eugênia Celso, Mário Faria de Paiva, Medeiros de Albuquerque, Menotti Del Picchia, Miguel Jorge, Moacyr Scliar, Nataniel Dantas, Olegário Marianno, Olga Savary, Paulo Mendes Campos, Paulo Rónai, Paulo Setúbal, Pedro Nava, Plínio Doyle, Plínio Salgado, Renata Pallottini, Rodrigues de Almen, Ronald Claver, Rubens do Amaral, Ruy Espinheira Filho, Soares de Mello, Stella Leonardos Cabassa, Tania J. Faillace, Terezinha Alves Pereira, Terezinha Costa Rego, Washington Luís, Wilson Castelo Branco e Wladyr Nader.

### *Gaveta aberta*

A gaveta do Museu de Literatura Brasileira (MLB), agora aberta, permite iluminar um episódio historiográfico literário recente que estava na sombra, colocando à disposição de outros pesquisadores um espaço também possível para o desenvolvimento de seus estudos a partir de cerca de 300 itens inéditos ou dos quais até agora não se tinha notícia.

Dividido nas categorias de *documento* e de *movimento*, o conjunto ali depositado permite olhar não apenas para seu conteúdo ou materialidade (se carta, foto, recorte de jornal etc), mas para a rede de autores envolvidos na criação desse Museu, sob gestão da autora Lygia Fagundes Telles. Com o apoio iconográfico de alguns documentos da coleção, o artigo considerou o desejo como a principal capacidade de fazer vínculos que reuniria e mobilizaria uma comunidade, totalizando aproximadamente 70 titulares.

De forma mais ampla, e por uma natureza metodológica, a presente pesquisa toma emprestados alguns conceitos e tratamentos das áreas de arquivologia e museologia, buscando atualizá-los e recontextualizá-los para instituições de guarda literária. Um desses conceitos é a proposta de reflexão sobre o arquivo não como *fonte*, mas como *ponte* entre tempos, pessoas e instituições distintas. Seja por semelhança, seja por diferença, uma das pontes erguidas é entre o Museu da Literatura Brasileira, o Arquivo-Museu da Literatura Brasileira e a Cinemateca Brasileira, geridos, respectivamente, por Plínio Doyle e Paulo Emílio Salles Gomes; e outra ponte possível é investigar o Museu da Literatura Brasileira, o Instituto de Estudos Brasileiros – onde a documentação do MLB se encontra – e o Instituto Moreira Salles, onde está acervo pessoal da autora Lygia Fagundes Telles.

Esses apontamentos não são nada mais que esforços diminutos para alcançar o que a autora paulista pensou na década de 1970 para o MLB: que fosse transformado em um centro de estudos e pesquisa, mas que, sobretudo, se dobrasse à reflexão crítica.

### *Agradecimentos*

Falar sobre a comunidade literária a partir de Lygia Fagundes Telles não seria possível sem aquela que agora se forma em torno deste museu: Elisabete Ribas, Marília Rothier, Milena Calassara, Rosana Kohl Bines e Thauany Vigar.

### *Referências*

- BENJAMIN, Walter [et. al.]. *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- BORGES, Jorge Luis. “Funes el memorioso”. *Cuentos completos*. Colombia: Penguin Random House, 2013.

Cadernos de Literatura Brasileira: IMS, São Paulo, n. 5, mar. 1998.

CÂMARA, Mário; KLINGER, Diana; PEDROSA, Celia; WOLFF, Jorge (Org.). Arquivo. In: *Indiccionario do contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

CHAUÍ, Marilena. *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro: Global, 2001.

MARTINS, Maria Helena Pires. Ecomuseu. TEIXEIRA Coelho, *Dicionário crítico de política cultural*, 1999.

SONTAG, Susan. "Sobre o estilo". *Contra a interpretação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MATOS, Olímpio José Garcia et al. *O natal no sabadoyle*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1994.

Recebido em: 12 de setembro de 2020

Aceito em: 26 de outubro de 2020